

Comentário bibliográfico sobre a republicação de escritos femininos no Brasil e na Argentina

Stella Maris Scatena Franco

Doutora em História Social - FFLCH/USP e
Professora das Faculdades Integradas de Guarulhos.

Nos últimos anos, uma série de publicações de obras de estudiosos das diferentes áreas das Ciências Humanas vem trazendo significativas contribuições aos estudos de gênero. Desde a década de 1970, esta vertente passou a ganhar maior espaço no âmbito acadêmico, e deste período até os dias de hoje, vários trabalhos vêm sendo desenvolvidos sob diversos enfoques e perspectivas analíticas. As mulheres, assim, têm se tornado objeto de estudo com uma frequência cada vez mais ampliada. Ao lado deste esforço, notamos, recentemente, algumas louváveis iniciativas que buscam dar nova luz a mulheres latino-americanas, por meio da reedição de seus escritos. A publicação de fontes femininas tem o mérito de divulgar textos que permaneceram por muito tempo esquecidos em razão da pouca visibilidade dada às escritoras - para não falar da exclusão das mesmas dos cânones literários dos diferentes países do continente.

Neste movimento de recuperação de fontes de autoria feminina, observamos o surgimento de publicações em formato de coletâneas, bem como de reedições de trabalhos em sua íntegra. Para o primeiro caso, vale mencionar as compilações presentes em *La pluma y la aguja: las escritoras de la Generación del '80*¹ e no volumoso *Escritoras brasileiras do século XIX*². Eles tra-

¹ BONNIE, Frederick (Comp.). *La pluma y la aguja: las escritoras de la Generación del '80*. Buenos Aires: Feminaria, 1993.

² MUZART, Zahidé L. (Org.) *Escritoras brasileiras do século XIX*. Santa Cruz do Sul: Edunisc; Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000.

zem, respectivamente, fragmentos de textos de autoras argentinas e brasileiras do século XIX, congregando um leque diversificado de formas narrativas, como crônicas, contos, poesias, artigos de jornais e, no caso da publicação argentina, até mesmo um trecho de um conto infantil. Cabe destacar que o livro brasileiro contém textos de apresentação de cada uma das autoras, com um resumo biográfico e breve comentário crítico, além de incluir uma listagem dos escritos existentes das autoras e uma bibliografia sobre as mesmas. Trata-se, portanto, de uma obra de referência que passou por um trabalho de investigação bastante acurado. A coletânea de autoras argentinas não é tão ampla quanto a de escritoras brasileiras, mas ainda assim, constitui-se como uma boa porta de entrada para o contato com personagens e textos pouco conhecidos ou divulgados.

Da mesma maneira que as coletâneas, as publicações de obras na íntegra também são de natureza diversificada: romances, cartas, autobiografias e memórias. Na Argentina, uma dentre as escritoras que vem sendo recuperada é Eduarda Mansilla de García, irmã do conhecido escritor Lucio V. Mansilla, autor de *Una excursión a los indios ranqueles*. Esta atenção dispensada à autora pode ser verificada pelas relativamente recentes republicações de alguns de seus trabalhos. O romance *Pablo o la vida en las pampas*, que retrata o caso amoroso entre um gaúcho e a filha de um estancieiro, e reflete sobre as disputas políticas entre unitários e federalistas, é exemplo disto.³ Antes desta republicação, o leitor/pesquisador poderia acessar a obra somente em sua edição original, em francês, de 1869, ou na versão em espanhol, em tradução do próprio irmão da escritora, publicada na Argentina, em forma folhetim, ainda no século XIX. Além deste, foi relançado, desta vez por editora espanhola, um livro de memórias de viagem aos Estados Unidos, veiculado, antes disso, somente em duas edições bastante antigas: em 1880, em folhetim, e em 1882, em forma de livro.⁴ Curioso notar que a autora foi ainda personagem inspiradora de um recente romance biográfico, o que atesta o interesse que vem despertando ultimamente.⁵

No Brasil, algo parecido se passa com a escritora Nísia Floresta, considerada por alguns autores como uma das pioneiras do feminismo brasileiro.

³ MANSILLA DE GARCÍA, Eduarda. *Pablo o la vida en las pampas*. Buenos Aires: Editorial Confluencia, 1999.

⁴ MANSILLA, Eduarda. *Recuerdos de viaje*. Madrid: Ediciones El Viso, 1996.

⁵ LOJO, Maria Rosa. *Uma mujer de fin de siglo*. Buenos Aires: Planeta, 1999.

Tendo vivido muitos anos na França e três na Itália, parte de suas obras tornou-se pública nestes países, sendo difícil o seu acesso pelos leitores brasileiros. Edições e traduções recentes estão mudando este quadro. *Fragments de uma obra inédita*⁶, seu último trabalho, dedicado a realizar uma biografia de seu irmão, e no qual apresenta ainda muitos traços de sua própria autobiografia, até pouco tempo encontrava-se indisponível em português, o mesmo acontecendo com *Cintilações de uma alma brasileira*⁷, originalmente publicado em Florença (1858), que reúne ensaios sobre diferentes temáticas, tais como suas concepções sobre a mulher e sua visão sobre o Brasil, num diálogo com o olhar dos viajantes europeus. O leitor interessado ainda pode, atualmente, acessar as missivas trocadas pela autora com o filósofo francês Auguste Comte.⁸ Além destes, Nísia Floresta teve também reeditados e traduzidos os seus relatos de viagem para a Alemanha e para a Itália e Grécia, ambos originalmente escritos em francês.⁹

Os relatos de viagem de mulheres latino-americanas - ou de européias que viajaram pela América Latina - vêm ganhando, ultimamente, novas edições.¹⁰ Eles representam uma fonte interessante de estudo, pois abordam, dentre outros aspectos, os papéis sociais femininos e as dimensões do privado e do íntimo, menos usuais na literatura de viagem produzida por escritores homens.

Detemo-nos, a partir daqui, mais profundamente, no livro *Mujeres en viaje*, uma antologia que reúne fragmentos de relatos de 11 mulheres viajantes, englobando tanto argentinas que relataram suas experiências de viagem para den-

⁶ FLORESTA, Nísia. *Fragments de uma obra inédita. Notas biográficas*. Brasília: UnB, 2001.

⁷ FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC; Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

⁸ Nísia Floresta & Auguste Comte. *Cartas*. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC; Florianópolis: Editora Mulheres, 2002.

⁹ FLORESTA, Nísia. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Santa Cruz do Sul: Edunisc;; Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998; FLORESTA, Nísia. *Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia*. Vol 1. Natal: Editora da UFRN, 1998. Quanto a este último livro, vale dizer que apenas o volume 1 foi traduzido. O segundo volume encontra-se ainda inédito no Brasil.

¹⁰ Além dos relatos de Nísia Floresta, já citados, constam do catálogo da Editora Mulheres, de Florianópolis, relatos de viagem de mulheres européias que percorreram o Brasil (*Uma colônia no Brasil*, da belga Mme. Van Langendonck, e o *Diário da Baronesa de Langsdorff*) e outras partes da América Latina, como o Peru (*Peregrinações de uma paria*, da francesa Flora Tristán).

tro e fora do país, como européias que visitaram a Argentina.¹¹ As argentinas são Mariquita Sánchez (1786-1868), Eduarda Mansilla (1838-1892), Cecília Grierson (1859-1934), Ada Maria Elflein (1880-1919) e Delfina Bunge (1881-1952). Dentre as européias estão a espanhola Isabel de Guevara (século XVI), a alsaciana Lina Beck-Bernard (1824-1888), as inglesas Florence Dixie (1855-1905) e Charlotte Cameron (?-1946), e as norte-americanas Jennie Howard (1845-1933) e Annie Peck (1850-1935). A maior parte dos textos reunidos foi escrita entre meados do século XIX e início do XX, à exceção da carta enviada à Rainha da Espanha por Isabel de Guevara, espanhola que integrou a expedição de Pedro de Mendoza ao Rio da Prata no século XVI.

O livro é organizado por Mônica Szurmuk, professora de Literatura Latino-Americana e Comparada da Universidade de Oregon, responsável pela seleção dos fragmentos, prólogo do livro e breve apresentação biográfica das autoras, além de ser tradutora dos textos originalmente escritos em francês e em inglês. No prólogo, ela afirma que a seleção destaca o que os textos guardam de mais feminino, como a maternidade e os afazeres domésticos, mas ressalta, com razão, que os mesmos não se limitam a este enfoque. De fato, as partes selecionadas dos relatos abordam temáticas variadas, como são também as motivações das viagens, as origens e destinos das viajantes.

As formas narrativas são também diversificadas. Mariquita Sánchez, por exemplo, escreve, de Montevidéu – onde se exilou durante o governo de Rosas –, cartas à sua filha que se encontrava em Buenos Aires. A médica argentina, Cecília Grierson, faz um relatório sobre a educação feminina na Europa, trabalho solicitado pelo governo na virada do século XIX para o XX. Lina Beck-Bernard, que se estabeleceu na província de Santa Fé no final da década de 1850, quando seu marido foi incumbido de organizar ali colônias de imigrantes suíços, compôs seu relato em forma de diário pessoal. Eduarda Mansilla escreveu, em 1880, as memórias da viagem realizada duas décadas antes aos Estados Unidos, acompanhando seu marido diplomata. Além destes, há também escritos sob encomenda, como os da argentina Ada María Elflein, que nas páginas de *La Prensa* estimulava, em 1918, as viagens para

¹¹ SZURMUK, Mónica (Ed.) *Mujeres en viaje. Escritos y testimonios*. Buenos Aires: Alfaguara, 2000. (315 p.)

pontos pouco explorados do país. Os textos de Annie Peck e Charlotte Cameron cumprem a função de guias de viagem.

A despeito desta diversidade, como bem lembra Szurmuk, um denominador comum dos relatos é o olhar curioso sobre o “outro”, que procura “comprender desde los paradigmas de su propia cultura y traducir a su lenguaje todo aquello que ve”.¹² Neste sentido, são abundantes, especialmente no caso de algumas viajantes européias, as apreciações marcadas por um viés etnocêntrico, identificando nos argentinos um “caráter indolente”. Em *Le Rio Paraná: cinq années de séjour dans la République Argentine* (1864), Lina Beck-Bernard afirma que, à exceção da forma européia pela qual externamente os homens se expressavam, eram em geral “muy ignorantes” e “demasiado indolentes como para intentar remediarlo por sí mismos”.¹³ A mesma visão se reproduz nos trechos de *In distant climes and other years* (1931), de Jennie Howard, que na segunda metade do século XIX, mudou para a Argentina com um grupo de professoras norte-americanas incumbidas por Sarmiento da organização de Escolas Normais no país. Ao comentar sua passagem por Corrientes, Howard reclama da falta de vegetais na alimentação, o que, segundo a autora, “no se debía a que el suelo no fuese apto para producirlo sino a que las personas que podían cultivarlo eran demasiado perezosas como para echar semilla en la tierra”.¹⁴ No relato desta autora, são ainda abundantes as queixas ao clima, aos insetos, à falta de infra-estrutura em Buenos Aires como em Corrientes. Pulgas, hotéis malcheirosos e sem ventilação, inexistência de sabão para lavar as roupas, precárias instalações das escolas, superstição e ignorância da população local se fundem em seu relato sobre a Argentina, país que ao fim escolheu para viver e morrer.

Ambas as escritoras (Beck-Bernard e Howard) atentam para certos contrastes que evidenciam a convivência de formas arcaicas e modernas de vida: Lina Beck-Bernard aponta que as famílias ricas de Santa Fé dispunham de todo o luxo e o conforto, apesar de não saberem usufruir dos mesmos¹⁵; Jennie

¹² *Idem, ibidem*, p. 9.

¹³ *Idem, ibidem*, p. 68.

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 145.

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 67.

Howard nota a existência de artigos de luxo nas lojas de Buenos Aires, que contrastam com as ruas não pavimentadas da cidade.¹⁶

Mas para outras autoras a “barbárie” tinha também seus encantos, como afirmaria a aristocrata inglesa Florence Dixie, que escolheu a região da Patagônia para uma viagem de lazer com o marido: “¿Cuál era el encanto de ir a un lugar tan extraño y tan lejano? La respuesta estaba contenida en la pregunta misma. Precisamente elegía la Patagonia porque era un lugar extraño y lejano. Estaba hastiada de la civilización y sus caprichos”.¹⁷ Em *Across Patagônia* (1881), a viajante pretende reviver o contato entre índios e europeus: narra como os primeiros olhavam, curiosos, suas botas de montar e o rifle de seu marido; observa, por sua vez, a “aparência diabólica” dos índios que pintavam o rosto com tintas vermelhas e pretas. Não consegue, neste contato, dispensar seus critérios ocidentais. Os homens da comunidade são, em sua avaliação, preguiçosos, e por isso passam dias sem comer para evitarem os sacrifícios da caça – o que, inclusive, irrita a viajante, pela falta de carne para alimentar seus cães. As mulheres, ao contrário, são trabalhadoras. Daí concluir que as mesmas “son tratadas injustamente en cuestiones de trabajo”.¹⁸

É preciso ressaltar que as viagens para lugares “exóticos” se tornaram mais acessíveis com os avanços dos meios de transporte a partir de meados do século XIX. As viagens a locais distantes, antes empreendidas em sua maior parte por intrépidos aventureiros, desbravadores ou viajantes naturalistas, se tornaram mais comuns, inclusive entre as mulheres. Nas duas primeiras décadas do século XX, a inglesa Charlotte Cameron viajou para diferentes lugares além da Argentina, conhecendo regiões da África, da Polinésia, do Alasca e da Nova Zelândia, muitas vezes contratada por empresas que realizavam cruzeiros, com o fito de terem suas companhias recomendadas pela autora. Seu público leitor é composto majoritariamente por mulheres ricas, desejosas de viajar nas férias para fora dos circuitos turísticos europeus. Assim, a autora recomenda que se vá à Argentina como substituição às já “desgastadas” viagens ao Ceilão ou ao Egito.¹⁹ Mas, como viajante de um setor de alta classe, não descarta o conforto, o luxo e as comodidades. Por isso se atém a Buenos Aires, descre-

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 137.

¹⁷ *Idem, ibidem*, p. 115.

¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 119.

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 215.

vendo e recomendando seus hotéis, restaurantes e cafés, todos de luxo. De certa maneira, se entendermos a viagem como a vivência de experiências novas e diferentes, a experimentada pela autora era mais um deslocamento do que uma viagem, pois busca justamente os mesmos objetos com os quais está acostumada na Europa. Não é de estranhar, portanto, que diante da Buenos Aires moderna da época do Centenário, toda iluminada por luz elétrica, desfrutando da culinária argentina, mas podendo também saborear a francesa, se imagine em plena Europa. Ao descrever um dos hotéis onde se hospedara, com quartos guarnecidos com “baños lujosos”, salões decorados “con estupendo gusto” e boa música, afirma: “no tuve dificultad en imaginarme que estaba en el Carlton de Londres”.²⁰

As comodidades e o conforto, entretanto, são valores questionados por mulheres que empreendiam outros tipos de viagem e despontavam como pioneiras do nosso hoje tão comum ecoturismo. É o caso da norte-americana Annie Peck, que descobriu o montanhismo em Atenas, tornando-se posteriormente uma adepta fervorosa desta prática. Os fragmentos de *The South American Tour* (1913) presentes nesta antologia narram a viagem de Santiago do Chile a Buenos Aires, passando por Mendoza. O trem, afirma a autora, é um veículo cômodo e mais apropriado para os turistas convencionais, que preferem o conforto à aventura. Em sua opinião, entretanto, achava mais emocionante realizar a travessia dos Andes à moda antiga, por meio de mulas.²¹ Colocando-se em sua tarefa de realizar um verdadeiro guia de viagem, descreve, passo a passo, os lugares por onde passa e os detalhes a serem observados: rocas, abismos, escarpas, rios, cidades, vilarejos e pontos de importância histórica, sempre informando as altitudes de cada local. Também detalha os centros de hospedagem, alimentação e os valores a serem desembolsados pelos viajantes. Mas seu interesse é realmente pelas montanhas, em cuja exploração é versada. Assim, aponta os picos ainda inexplorados, os locais mais acessíveis aos viajantes, os que demandam guias e equipamentos adequados. Seu olhar sobre a Argentina contrasta com o das autoras citadas anteriormente. Ao invés das clássicas reclamações, destaca vários aspectos positivos dos lugares visitados, o que é particularmente notável em sua descrição de Mendoza, em que

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 210.

²¹ *Idem, ibidem*, p. 183.

ressalta as ruas pavimentadas, as inúmeras árvores, um parque que julga ser incomparável a qualquer construção congênere nos Estados Unidos, bem como as rentáveis atividades econômicas da região, como a vinicultura.

Podemos enquadrar na mesma linha do turismo de aventura o relato da argentina Ada María Elflein (1918), no qual narra uma viagem de automóvel com duas amigas por diferentes lugarejos das províncias de San Luís e Córdoba. A autora tinha a intenção de estimular novas rotas de viagem no país, além de incentivar que as mulheres as realizassem sem necessariamente serem acompanhadas por homens. A viajante explora vilarejos de difícil acesso pela falta de meios de transporte. Por este relato, percebe-se como as ferrovias passavam a ser uma demanda cada vez mais indispensável nos rincões argentinos. Narra as dificuldades encontradas nos locais desprovidos de via férrea, que ficavam como mortos, sem vida social, abastecimento de gêneros básicos, possibilidades de crescimento do comércio, além de estancados economicamente. Por outro lado, surpreende o fato de observar, em incomunicáveis vilarejos, a constante presença de escolas, sobretudo de formação de professores, em torno das quais, inclusive, muitas vezes se organizavam as famílias. A viajante encontrou escolas mesmo nos lugares em que era penoso o abastecimento de um gênero alimentício tão básico como, por exemplo, o leite. Reflexos, talvez, da política educacional implementada por Sarmiento na segunda metade do século XIX, da qual, aliás, Jennie Howard, uma das professoras levadas dos Estados Unidos à Argentina, dá conta em seu relato.

O olhar etnocêntrico é especialmente marcante em *Tierras del mar azul*, relato da argentina Delfina Bunge publicado na década de 1920, em que narra a viagem a Jerusalém, cujo roteiro incluiu passagens pelo Rio de Janeiro, Tunis, Cairo e Roma. A autora advoga pela doutrina cristã e, a partir deste enfoque central submete os outros povos e culturas, particularmente os judeus, árabes e africanos a severas críticas e julgamentos, como pode se perceber em sua afirmação quando relata a passagem pela Tunísia: “Cuando sus inclinaciones múltiples [del alma humana] no están unificadas, equilibradas por el cristianismo, ella es así: o entregada del todo al movimiento desordenado y vano como en el caso de los negros...; o puesta por entero en el material interés de la ganancia como en el caso de los judíos; o sentada en la ociosidad y en la sombra de la muerte, como en el caso de esos graves y tristes hijos de Mahoma”.²²

²² *Idem, ibidem*, p. 291.

Os papéis e o comportamento femininos também são uma marca presente, particularmente nos fragmentos das memórias de Eduarda Mansilla sobre sua viagem aos Estados Unidos. A autora provinha de uma família com atuação importante na política argentina e era casada com um diplomata.²³ Como uma dama da elite portenha, mantinha vinculações culturais com a França, país ao qual se remete muitas vezes em seu relato sobre os Estados Unidos. Mansilla observa atentamente as mulheres dos extratos abastados da sociedade norte-americana, narrando os bailes que freqüentou, os modos de vestir e de comer das norte-americanas, o comportamento liberal das jovens solteiras, a reclusão das mulheres casadas e mães de família. Ainda que se opusesse às manifestações mais declaradas das feministas, reconhece que os papéis femininos tradicionais limitavam os âmbitos de atuação das mulheres. Assim, admirava, nos Estados Unidos, o trabalho das “repórteres femininas”, que considerava “un medio honrado e intelectual para ganar su vida” e uma forma de emancipação “de la cruel servidumbre de la aguja”.²⁴

Outros textos mostram também que, a despeito da propalada submissão e dependência das mulheres, elas atuaram, de diferentes formas, para buscar seu sustento. Exemplos deste comportamento se evidenciam, por exemplo, na carta de Isabel de Guevara à Rainha Juana, da Espanha, na qual conta as mazelas sofridas pelos conquistadores no Novo Mundo, em conseqüência das doenças, fome e guerra com os índios, o que fazia com que as mulheres da expedição ficassem sobrecarregadas de trabalhos. Por seus serviços prestados, reivindica a concessão do *repartimiento* e um cargo para seu marido.²⁵ Nas cartas que Mariquita Sánchez enviava à sua filha, percebe-se como tentava, de longe, administrar seus aluguéis em Buenos Aires e obter, com isso, recursos para sua sobrevivência. A médica Cecília Grierson, que escreve seu relatório sobre a educação feminina na Europa, afirma que privilegia a narração dos trabalhos desenvolvidos pelas escolas voltadas para o ensino das prendas domésticas, mais do que os dedicados ao conhecimento das técnicas industriais e agrícolas, dada a importância atribuída às funções femininas como a

²³ Era filha do general Lucio N. Mansilla, governador da província de Entre Ríos, na década de 1820, e sobrinha do líder federalista Juan Manuel de Rosas, que governou Buenos Aires por mais de 20 anos.

²⁴ *Idem, ibidem*, p. 101.

²⁵ *Idem, ibidem*, p. 18.

de dona de casa e mãe de família. Entretanto, também podemos observar que, em diferentes momentos de seu relatório, dá mostras de que os conhecimentos adquiridos pelas mulheres nas escolas européias acabavam sendo úteis para a garantia de seus sustentos, habilitando as jovens a exercer diferentes ofícios também fora dos lares.

O livro, de leitura agradável, é uma amostra significativa dos diferenciados perfis e âmbitos de atuação de mulheres do passado. Além disso, contribui para divulgar a existência de textos ricos e pouco conhecidos, dos quais se podem apreender diferentes olhares e concepções diante da experiência da alteridade. O leitor apenas se ressentirá da brevidade dos textos selecionados e sentirá aguçado o desejo de lê-los em sua íntegra. Dessa maneira, pensamos que cumpre perfeitamente bem o papel de uma boa antologia.

As obras postas em foco neste comentário compõem uma pequena parte dentro de um universo mais amplo de escritos de mulheres latino-americanas que vêm sendo disponibilizados ao público por meio de novas edições. Ver emergir um acervo de obras esquecidas ou inéditas é sempre instigante para o historiador, ainda mais quando se trata de um repertório textual capaz de lançar luzes sobre campos que permaneceram obscuros durante tanto tempo, tal como ocorre com a história das mulheres.